



A EDUCAÇÃO DE SURDOS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS

Adriano Aparecido da Silva¹
Flomar Ambrosina Oliveira Chagas²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí/adrianointerprete@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí/ flomarchagas@gmail.com

Resumo:

Esta pesquisa tem como tema a Educação de Surdos e o Atendimento Educacional Especializado (AEE). O principal objetivo foi refletir sobre o terceiro momento do AEE para o Surdo e ações de modo a proporcionar conhecimentos ao ensino da Língua Portuguesa e a possibilidade de entrelaçar o ensino de Matemática. Também leva a reflexão sobre o porquê de, apesar de existir políticas que especificam os direitos educacionais dos Surdos, e mesmo assim eles continuam excluídos do direito de uma educação de qualidade. Antes de navegar pela história, realizou-se um estudo da arte de pesquisas publicadas entre o período de 2011 a 2017, com base em teses, dissertações disponíveis no Banco de Teses da Capes, e também em artigos no site da Scielo e no Google acadêmico. Em seguida, pesquisou-se trabalhos na perspectiva do ensino de Matemática para o Surdo. Pretende-se perceber quais as principais dificuldades da prática de ensino dos professores do AEE relacionadas ao Surdo com foco na leitura, na tradução e na interpretação de textos matemáticos. Conclui-se que o estudo da arte é necessário para compreender as propostas educacionais que foram produzidas para transformar a Educação de Surdos no Brasil.

Palavras-chave: Educação de Surdos. AEE. Matemática.

Introdução

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento, de abordagem qualitativa. Assim, apresenta o estado da arte, o qual analisou produções acadêmicas para refletir sobre as principais dificuldades da prática de ensino dos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), bem como a efetivação da Educação de Surdos e suas implicações.

Neste estudo, temos como principal sujeito, o aluno Surdo¹, visto que ele necessita do atendimento especializado, o qual acontece em três momentos distintos, conforme Damázio (2007): AEE em Língua Brasileira de Sinais (Libras), AEE para o ensino de Libras e o AEE para o ensino de Língua Portuguesa. Nosso foco é dar ênfase ao terceiro momento para compreender os principais métodos e práticas no ensino de Língua Portuguesa, como segunda língua, visando à autonomia do aluno Surdo na leitura, na tradução e na interpretação de

¹A palavra Surdo(a) é utilizada neste estudo com “S” maiúsculo por concordar com Castro Júnior (2015) como forma de respeito e reconhecimento da identidade Surda. De acordo com o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, a pessoa Surda é aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2010).

textos matemáticos.

O interesse em estudar esta temática originou-se num curso de capacitação e de aperfeiçoamento oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) intitulado *Formação em procedimentos básicos para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Profissional e Tecnológica*. Como trabalho de conclusão, exigiu-se uma proposta, a qual teria que atender a especificidade do público-alvo do AEE. Desta forma, surgiu o interesse em perceber as singularidades dos estudantes Surdos e o seu direito ao atendimento especializado. O contato com esse tema fez com que refletisse sobre as práticas educacionais vigentes para compreender as principais dificuldades da prática de ensino dos professores do AEE relacionadas ao Surdo a propor um apoio especializado juntamente com o *Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas*(Napne), local que prepara a instituição para receber os alunos com necessidades específicas, disponibiliza apoio especializado e providencia adequações necessárias para o acesso, permanência e conclusão com êxito conforme a necessidade do aluno.

Assim, a relevância acadêmica e científica desta pesquisa se justifica pela importância de se verificar os principais métodos e as práticas no ensino de Língua Portuguesa, como segunda língua, perspectivando minimizar problemas consistentes das experiências de alunos Surdos matriculados na instituição.

Entende-se que estudar esse assunto pode propiciar reflexões para possíveis considerações na Educação de Surdos. Para tanto, realizou-se um estudo da arte -pesquisas publicadas entre o período de 2011 a 2017- com base em artigos, dissertações e teses disponíveis no Banco de Teses da Capes, no site da Scielo e no Google acadêmico. Tem-se como palavras-chave para a revisão da literatura: AEE para o Surdo; Libras e Língua Portuguesa.

Para se produzir conhecimento sobre a Educação de Surdos e o AEE, considera-se pertinente estudar as práticas de ensino dos professores na sala de recursos multifuncionais para o ensino de Língua Portuguesa, como L2 para o discente com surdez.

Dessa forma, a partir do momento didático-pedagógico no AEE para o ensino da Língua Portuguesa, propõe-se nesta pesquisa investigar a seguinte questão: Quais as principais dificuldades da prática de ensino dos professores do AEE relacionadas ao Surdo com foco na leitura, na tradução e na interpretação de textos matemáticos? Nesta proposta, considera-se a Libras como primeira língua dos Surdos, a qual fornece arcabouço para a constituição do conhecimento da Língua Portuguesa e da linguagem Matemática.

Avanços na Educação de Surdos

A história da Educação de Surdos no Brasil foi marcada por diferentes ações pedagógicas sobre qual a melhor forma de educá-los e “essa trajetória no Brasil é um pequeno capítulo da longa história em todo mundo” (SILVA; SILVA e GONÇALVES, 2015, p. 25). Adentrar por essa história, proporcionará reflexões e questionamentos referentes aos impactos marcantes de cada época sobre os métodos de ensino aos Surdos.

No Brasil, o francês Ernest Huet iniciou seu trabalho alfabetizando crianças Surdas utilizando a língua de sinais e 1857 fundou o Imperial Instituto de Surdos e Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Mas a partir do Congresso em Milão, no ano de 1880, a filosofia educacional mudou na Europa e, conseqüentemente, em todo mundo. O INES em 1911 passou a adotar o oralismo, obedecendo à determinação do Congresso Internacional de Surdos Mudos de Milão que defendiam o método oral. Logo, acarretou muitas perdas para os surdos no desenvolvimento da sua língua materna, Libras (SILVA; SILVA e GONÇALVES, 2015). Diante dessas raízes históricas, Perlin e Strobel (2008, p.48) faz a seguinte indagação,

Conhecer a história de surdos não nos proporciona apenas para adicionarmos conhecimentos, mas também para refletirmos e questionarmos diversos acontecimentos relacionados com a educação em várias épocas, por exemplo, por que atualmente apesar de se ter uma política de inclusão, o sujeito surdo continua excluído?

Nota-se que a Educação dos Surdos aconteceu com várias tensões nos espaços educacionais que acabaram por determinar as ações educativas adotadas na sua escolarização. Assim como em inúmeros países, a Educação de Surdos no Brasil, passou por fases distintas sendo fundamentadas em três abordagens diferentes: a oralista, a comunicação total e a bilíngue (SILVA; SILVA e GONÇALVES, 2015).

A abordagem bilíngue aconteceu por uma reivindicação dos próprios Surdos e para as autoras, quando se refere ao bilinguismo na Educação dos Surdos é quando “os estudos voltam-se para a Libras e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita” (NEVES; QUADROS, 2015, p. 138).

No Brasil, após os movimentos conseguiram pela Lei Federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002 a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de uso da comunidade Surda. Contudo, inúmeros direitos se deram com o Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que estabelece o ensino aos Surdos na língua de sinais, como primeira

língua e a Língua Portuguesa como segunda, inclusive tornando obrigatório o uso de língua de sinais em vários espaços públicos e motivando a presença do Tradutor Intérprete da Libras/Língua Portuguesa (SILVA; SILVA e GONÇALVES, 2015). Alguns documentos internacionais defendem discursos pela inclusão, tais como: a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, assinada em Jomtien, na Tailândia (UNICEF, 1990), a Declaração de Salamanca, na Espanha (UNESCO, 1994), a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), (BRASIL, 2010). Contudo, faz-se um recorte cronológico das políticas para a Educação de Surdos e conceituar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) com base na literatura voltado para a perspectiva da Educação Inclusiva.

Desafios para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua no AEE

Em relação ao Surdo, a dificuldade é o fator linguístico e o comunicativo, visto que esse aluno se comunica pela Libras e a tem como primeira língua (L1) e tem a Língua Portuguesa como segunda língua (L2) em uma modalidade escrita. Ao se pensar no regente que atua no AEE, é um desafio para ele propiciar ao aluno Surdo uma aquisição da Língua Portuguesa escrita diferentemente do ensino da Língua Portuguesa para alunos ouvintes que aprendem essa língua naturalmente. Sobre os objetivos do AEE, Fávero, Pantoja e Mantoan (2007, p. 29) escrevem que

O Atendimento Educacional Especializado é uma forma de garantir que sejam reconhecidas e atendidas as particularidades de cada aluno com deficiência. São consideradas materiais do Atendimento Educacional: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); interpretação de LIBRAS; ensino de Língua Portuguesa para surdos; código braille; orientação e mobilidade; utilização do soroban; as ajudas técnicas, incluindo informática adaptada; mobilidade e comunicação alternativa/aumentativa; tecnologias assistivas; informática educativa; educação física adaptada; enriquecimento e aprofundamento do repertório de conhecimentos; atividades da vida autônoma e social, entre outras.

Assim, no espaço da sala do AEE, o regente tem um momento para tentar amenizar as dificuldades linguísticas do aluno Surdo, porém geralmente seu trabalho é a relação imagem versus palavra escrita, isolada e descontextualizada sem nenhuma problematização, criticidade para o aluno Surdo e que visa à autonomia linguística bilíngue no seu dia a dia.

No intuito de fundamentar este trabalho, realizou-se revisão preliminar de literatura por meio do levantamento em produções. A busca ocorreu a partir dos seguintes descritores: AEE para o Surdo; Libras e Língua Portuguesa, no período que vai de 2011 a 2017, por considerar o Decreto n. 7.611, de 7 de novembro de 2011 que dispõe sobre a educação

especial, o AEE e dá outras providências.

Esta revisão preliminar indica quais os desafios que é trabalhar a Língua Portuguesa com o discente Surdo, pois o profissional que trabalha no AEE tem alunos com diferentes necessidades específicas, com diferentes professores, com diferentes disciplinas e se tratando do aluno Surdo com diferentes momentos de atendimento, sendo:

Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras na escola comum, em que todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares, são explicados nessa língua por um professor, sendo o mesmo preferencialmente surdo. Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras na escola comum, no qual os alunos com surdez terão aulas de Libras, favorecendo o conhecimento e a aquisição, principalmente de termos científicos. Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa, no qual são trabalhadas as especificidades dessa língua para pessoas com surdez (DAMÁZIO, 2007, p. 25).

Falar em atendimento educacional para o ensino da Língua Portuguesa, como L2 e em modalidade escrita para pessoas Surdas é um dilema, pois essa língua tem uma estrutura gramatical diferente da língua materna do surdo, o qual compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais. No entanto, conforme Quadros e Schmieidt (2006, p.23), “a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado”.

Nessa perspectiva, para uma educação escolar, que garanta aos Surdos à igualdade de direitos e às condições diferenciadas, com um currículo que embase suas especificidades culturais e linguística numa proposta inclusiva e bilíngue é preciso pensar dialeticamente nas contradições dessa proposta.

Sendo assim, esse estudo em andamento apresenta o estado da arte (artigos científicos, dissertações e teses) sobre o trabalho no AEE para o Surdo e o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua. Dentre as produções na tabela seguir, foram selecionadas quatorze artigos, duas dissertações e uma tese que estavam coerentes com o objetivo da pesquisa.

Tabela 1: pesquisas publicadas entre o período de 2011 a 2017 sobre AEE e o ensino de LP2.

Autor/ano	Tipo	Título	Fonte
Brito e Neta (2017)	Artigo	O atendimento educacional especializado (AEE) e o ensino de Libras/Português escrito	https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/43453

Almeida (2016)	Tese	Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pelas libras	https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8756
Arrais, Rodrigues e Alves (2016)	Artigo	O atendimento educacional especializado aos alunos surdos nas escolas municipais de Teresina na perspectiva dos docentes	http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/823
Sperb (2016)	Artigo	Língua Portuguesa como segunda língua para surdos	http://portal.ensino.digital/pluginfile.php/1252/mod_resource/content/4/TEXTTO_BASE2_LPparasurdos.pdf
Baalbaki et al. (2016)	Artigo	Oficina para professores: português como segunda língua para alunos surdos	ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/download/1096/1181
Pimenta (2015)	Artigo	A fábula em Libras para a aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos	books.scielo.org/id/m6fcj/06
Aguiar e Costa (2014)	Artigo	Libras, leitura e escrita: aprendendo a dirigir a própria vida	http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/111/99
Teixeira e Baalbaki (2014)	Artigo	Novos caminhos: pensando materiais didáticos de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos	http://www.seer.ufu.br/index.php/revexte/nsao/article/view/26931
Silva e Bezerra (2014)	Artigo	O atendimento educacional especializado (AEE) para alunos com surdez/deficiência auditiva na rede municipal de Naviraí/MS	http://periodicos.faculdadecathedral.edu.br/revistafacisa/article/view/51/42
Pereira (2014)	Artigo	O ensino de português: como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos	http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/11.pdf
Melo (2013)	Dissertação	Ensino da língua portuguesa como segunda língua aos alunos com surdez no atendimento educacional especializado	http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/11372

		na rede municipal de Três Corações – MG”.	
Barbosa, Neves e Barbosa (2013)	Artigo	Política linguística e ensino de português como segunda língua	https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/278404/mod_resource/content/1/Texto_Obrigatorio9.pdf
Santos (2013)	Artigo	Ambiente de ensino-aprendizagem da Libras: o AEE para alunos surdos	http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3)%20Santos%20REVISTA%2011.pdf
Thoma (2012)	Dissertação	O ensino da língua portuguesa no atendimento educacional especializado (aee) para surdos	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49812
Alvez e Araújo (2012)	Artigo	Estudo de caso: atendimento educacional especializado para aluno com surdez na escola comum	http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminar/trabalhos/275_2_1.pdf
Nascimento e Avelar (2012)	Artigo	O ensino de português para surdos nas escolas públicas inclusivas de Goiás	http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiel/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_079.pdf
Pinheiros e Soares (2011)	Artigo	Contribuições do atendimento educacional especializado para o desempenho do aluno surdo no ensino regular	http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/prcesso_inclusivo/070-2011.pdf

As produções acadêmicas elencadas trazem no geral, por parte dos docentes do AEE para Surdo, as dificuldades do ensino de Língua Portuguesa como L2:

- alguns educandos Surdos ingressam no atendimento utilizando a língua do seu contexto familiar, expressa por gestos ou mímicas convencionadas naquele ambiente;
- a dificuldade dos alunos Surdos aprenderem o português, acredita-se que tenha fundamento, apenas quando se relaciona esta aprendizagem a equivocadas propostas pedagógicas e metodológicas ainda disseminadas pelas escolas;
- a dificuldade do aluno se dá devido à deficiência dele em ler, compreender o assunto e não se comunicar com os professores das salas regulares e com os demais colegas;

- a barreira comunicativa, pela ausência da Libras, os Surdos necessitam de uma escola bilíngue que priorize a Libras como primeira Língua e o português escrito como segunda Língua;
- a falta de conhecimento da Libras pelo aluno e, por esta causa, desconhecimento também do português;
- o professor do AEE não é fluente na Libras e desconhece o trabalho da Língua Portuguesa como segunda língua;
- o professor do AEE não conhece a cultura Surda, assim desvalorizando as experiências visuais dos alunos Surdos;
- a falta de materiais diversificados de leitura que contribuam para que o aluno Surdo construa hipóteses sobre a língua escrita;
- ausência de uma língua em comum entre alunos Surdos e seus professores;
- alguns dos alunos Surdos apresentam dificuldades tanto no que se refere à aquisição da língua de sinais como na escrita de uma segunda língua, pois não possuem um suporte linguístico efetivo;
- a dificuldade escolar relativa à sua aprendizagem da LP2 escrito é devida as consequências de uma aquisição tardia da Libras por parte desse aluno;
- o impedimento dos alunos Surdos aprenderem a Língua Portuguesa, referem-se à metodologia empregada e aos materiais usados no ensino de LP2 para Surdos;
- pouca leitura no dia a dia, o conhecimento da Língua Portuguesa não se amplia e os alunos Surdos apresentam cada vez mais dificuldades para ler, até se tornarem completamente desinteressados pela leitura.

No contexto das pesquisas, nota-se que apesar da legislação avançar, muito tem que se fazer para efetivar à Educação para Todos e pesquisas mostram que essa abordagem não tem se efetivado realmente e os Surdos enfrentam uma desigualdade no contexto escolar em relação aos ouvintes.

O ensino de Matemática para Surdo: percepções e reflexões

Pesquisas sobre o ensino de Matemática mostram o baixo desempenho escolar dos Surdos em relação aos ouvintes. Evidenciam a necessidade de desenvolver intervenções para minimizar os problemas que afetam o sucesso do aluno (KRITZER e PAGLIARO, 2013). Conforme estes autores, as áreas que os alunos Surdos têm desempenho relativamente melhor

é na Geometria e baixo desempenho são em *medidas e resolução de problemas*. De acordo com Kritzer e Pagliaro (2013, p. 453), “estudos mostram que o desempenho na matemática não é inerente à surdez [...] e que a frágil formação pedagógica não pode influenciar o ensino”. Argumentam que a falha do professor está em não oferecer um ensino como recomendado na área e a baixa expectativa que têm em relação aos seus alunos Surdos. Nas intervenções apresentadas estes autores sugerem que ao ensinar esses alunos priorizem a integração de oportunidades significativas do mundo real e que essas intervenções precisam também acontecer no meio familiar.

Na literatura sobre o AEE, observa-se que há três momentos importantes para atender o aluno Surdo, entretanto, esse espaço sendo privilegiado para o ensino da L2, permite entrelaçar o ensino da Matemática ao da Língua Portuguesa, de modo a suprir a falta do contato do Surdo com a linguagem Matemática. De acordo com Borges e Nogueira (2018) os Surdos filhos de pais ouvintes têm uma desvantagem em relação às crianças ouvintes, pois nem sempre há trocas de informações básicas relacionada à Matemática em casa.

Diversos estudos apresentam estratégias para o ensino de Matemática para o Surdo que contemplam e abordam experiências em sala de aula, seja em escolas bilíngues ou escola regular. Borges e Nogueira (2018, p.51) discorrem sobre os possíveis saberes docentes para atuar em sala de aula com alunos Surdos, “saberes da cultura surda; saberes da inclusão educacional; saberes da atuação do Intérprete de Libras (ILS) e saberes da valorização das experiências visuais”. Acredita-se na importância desses saberes para refletir a respeito do docente da sala multifuncional em uma abordagem que colabora com o ensino da Língua Portuguesa como L2 e de Matemática.

Compreende-se também a inserção do Surdo em um mundo onde há números e letras, e enquanto no ensino da Língua Portuguesa para o Surdo é condicionado às práticas pedagógicas ouvintistas e no ensino de Matemática é marcado por uma mecanização em decorar símbolos e fórmulas matemáticas torna necessário superar a fragmentação do conhecimento (NOGUEIRA, BORGES e FRIZZARINI, 2013). Sabe-se da complexidade que envolve a interdisciplinaridade dessas disciplinas, assim aceita-se o desafio de propor uma reflexão para o atendimento especializado para o Surdo, de modo, que atenda uma Educação efetiva.

Considera-se que profissional do AEE tem várias atribuições, entre elas:

I- identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos

público-alvo da Educação Especial; VII- estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares. (BRASIL, 2010).

Desta forma, acredita-se que quem atua no AEE deve articular os conhecimentos necessários para o docente da sala de aula comum e para o sucesso do aluno. Em relação ao aluno Surdo, a ideia que somente a Libras é necessário para a aprendizagem é considerado um fator preocupante na sala de aula, abandonando outras formas de exploração, como os aspectos visuais (BORGES e NOGUEIRA, 2018) e o docente do atendimento especializado deve articular com o professor regente estratégias que atendem as especificidades do público-alvo do AEE.

É relevante, portanto, ter um espaço na instituição escolar que contemple os estudantes Surdos, um profissional especializado, para minimizar as dificuldades dos docentes e dos discentes durante a caminhada acadêmica, e um repensar no atendimento ao Surdo.

Considerações finais

A partir desse estudo, foram surgindo novas indagações, mais aprofundadas sobre a questão inicial: Quais as principais dificuldades da prática de ensino dos professores do AEE relacionadas ao Surdo com foco na leitura, na tradução e na interpretação de textos matemáticos?, que motivam ainda mais na defesa das possibilidades e dos desafios no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para o Surdo.

Compreende-se que a abordagem bilíngue é necessária para atender a Educação de Surdos e não há como negar que a experiência visual é o que o faz interagir com o mundo, entretanto, quando se fala no bilinguismo na perspectiva inclusiva é necessário que se discutam novas estratégias para atender pessoas com necessidades especiais, como a surdez.

Além disso, é fundamental a proposta do AEE, para que se possa exigir o cumprimento dos direitos das pessoas com necessidades especiais, promovendo efetivamente o seu acesso ao mundo acadêmico. Apesar de a legislação reconhecer a Libras como língua da comunidade Surda no Brasil, observa-se poucos resultados significativos no ensino e na aprendizagem da Língua Portuguesa como L2e da Matemática para o aluno Surdo. Dessa maneira, apresenta-se, a partir desse estudo, resultados parciais de natureza teórica, que visa a entrelaçar o ensino da Língua Portuguesa e de Matemática para a melhoria do atendimento educacional especializado para o Surdo na Rede Federal de Ensino.

Referências

BORGES, Fábio Alexandre; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. Saberes docentes e o ensino de matemática para surdos: desencadeando discussões. In: ROSA, Fernanda Malinosky Coelho da; BARALDI, Ivete Maria (org.). **Educação matemática inclusiva: estudos e percepções**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2018.

BRASIL. **Marcos político-legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2010.

_____. Decreto n. 7.611, de 17 de novembro de 2011. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso 20 jan. 2018.

Castro Júnior, Gláucio. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. In: ALMEIDA, Wolney Gomes (org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, p. 11-26.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luísa de Marillac Xavier dos Passos; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento educacional especializado: aspectos legais e orientações pedagógicas**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

KRITZER, Karen; PAGLIARO, Claudia. **Matemática: um desafio internacional para estudantes surdos**. Cad. Cedes, Campinas, v. 33, n. 91, p. 431-439, set.-dez. 2013, tradução: Beatriz Vargas Dorneles. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v33n91/v33n91a08.pdf>>. Acesso 22 jan. 2018.

NEVES, Bruna Crescêncio; QUADROS, RoniceMüller de. A relação dos Surdos com a Língua Portuguesa em um contexto bilíngue. In: RIBEIRO, Tiago; SILVA, Aline Gomes da (org.). **Leitura e escrita na educação de surdos: das práticas política às práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius; BORGES, Fábio Alexandre; FRIZZARINI, Silvia Teresinha. Os surdos e a inclusão: uma análise pela via do ensino de Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. In: Nogueira, Clélia Maria Ignatius. (Org.). **Surdez, Inclusão e Matemática**. 1ed. Curitiba: CRV, 2013, v. 1, p. 43-70.

PERLIN Gladis e STROBEL Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. UFSC –

Florianópolis – SC / 2008. Disponível em: <
http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXTTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf> Acesso 20jan.
2018.

QUADROS, RoniceMüller de; SCHMIEDT, Magali. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SILVA, Adriano Aparecido; SILVA, Daniele A. Pierazo; GONÇALVES, Pâmela T. da Silva. Sala do AEE para surdos: formação dos profissionais bilíngues. **Revista Científica do Centro de Ensino Superior Rodrigues**, Far, p. 22 – 37, 2015. Disponível em: <
<http://www.faculadefar.edu.br/arquivos/revista-publicacao/files-46-0.pdf>> Acesso 05 jan.
2018.